

Para diretor do FMI, Brasil ganharia competitividade

Carteira poderia até financiar a aquisição de ativos estratégicos em países ricos

RICARDO REGO MONTEIRO
Rio

A criação de um fundo soberano composto pelo excedente das reservas cambiais do País aumentaria as condições de competitividade do Brasil no mercado global.

A avaliação é do diretor do Fundo Monetário Internacional (FMI) para o Brasil, Paulo Nogueira Batista Jr., ao lembrar que a iniciativa alinharia o país com demais emergentes como China e Rússia.

Como exemplo, lembrou que o fundo poderia financiar até mesmo a aquisição de ativos estratégicos em países industrializados, à exemplo de iniciativas chinesas e russas.

Usual também em países co-

mo Chile e Trinidad e Tobago, os fundos soberanos diferenciam-se das reservas cambiais pelo caráter mais agressivo de suas aplicações.

Batista Jr. esclareceu que, ao contrário das reservas, que são aplicadas em ativos mais conservadores — com menor rentabilidade e maior liquidez —, tais fundos visam investimentos com maior rentabilidade.

Países como a China, por exemplo, chegaram a utilizar tais fundos recentemente para adquirir empresas no Canadá. Em 2005, o governo chinês só não concretizou a aquisição da petroleira americana Unocal por intervenção do governo americano.

“Países exportadores de recursos naturais usam muito esses fundos”, exemplificou o executivo, ao sugerir que a constituição do similar brasileiro se dê por meio de excedentes das reservas cambiais que superem o mínimo necessário para proteger o país de choques externos.

“Há fundos mais recentes, de

países emergentes como Rússia e China, que têm atraído muito a atenção da Europa e dos Estados Unidos. Os países europeus estão muito receosos com esses fundos soberanos”, afirmou Batista Jr..

CRÍTICAS

Ao criticar o que classificou de práticas protecionistas de países industrializados adeptos de discursos liberalizantes, o diretor do FMI sugeriu que a criação do fundo permitiria ao Brasil ampliar a competitividade no mercado global.

“Cabe a países como o Brasil fazer mais o que eles fazem, e menos o que eles recomendam que a gente faça”, provocou Batista Jr., ao criticar o que classificou de “protecionismo geriátrico” dos países industrializados.

“Há uma situação curiosa no mundo, hoje. Quando lhes convém, os países industrializados adotam práticas protecionistas. Uma espécie de protecionismo geriátrico, usado para proteger setores antigos.”



Paulo N. Batista Jr.